

A Verdade de Sócrates

Dalmo Duque dos Santos

É certo que o mundo grego foi o mais importante cenário do desenvolvimento da consciência racional. Os protótipos que ali apareceram não só fizeram importantes descobertas nesse terreno vivencial, mas ampliaram também nessa fase o hábito da reflexão, da sistematização do conhecimento, bem como seus principais modelos de ética e comportamento. A síntese da enigmática sabedoria sacerdotal egípcia, da ciência dos caldeus, da magia dos persas e do ocultismo dos hindus vai manifestar-se na Península Balcânica na forma de uma cosmogonia inquieta, inconformista e investigativa. Religião, mitologia, ciência e filosofia formam ali uma unidade, um só universo em conjunto. Essa síntese está presente no importante conceito de Moira ou Destino, que representou para os gregos uma lei universal, um princípio que conduz a tudo e a todos:

“ ...ali estava a idéia da lei, tão superior ao imprevisível arbítrio pessoal, lei que haveria de marcar a diferença principal entre a ciência e a mitologia, tanto quanto entre o despotismo e a democracia. Os homens tornaram-se livres quando reconheceram que estavam sujeitos à lei. Que os gregos, o quanto pudemos averiguar, foram os primeiros a atingir essa compreensão e essa liberdade, tanto no terreno filosófico como no governamental, constitui o segredo de suas realizações e de sua importância na história.

(...) Duas correntes atravessavam paralelas a história da filosofia grega: uma naturalista, a outra mística. Esta nasceu com Pitágoras, e vai através de Parmênides, Heráclito, Platão e Cleanto até Plotino e São Paulo; a naturalista teve o seu primeiro representante em Tales, e prosseguiu, através de Anaximandro, Xenófanos, Protágoras, Hipócrates e Demócrito, até Epicuro e Lucrécio. De quando em quando algum espírito – Sócrates, Aristóteles ou Marco Aurélio – misturava as duas correntes, numa tentativa de devassar a infornulável complexidade da vida. Mas mesmo nesses homens a força dominante, característica do pensamento grego, era o amor e a busca da razão.”

Sócrates era filho de uma parteira com um escultor. Essas habilidades dos seus pais dariam ao mais polêmico de todos os filósofos a marca única de um constante facilitador da sabedoria, nunca assumindo a postura de sábio ou mestre. Seu estilo decepcionava aqueles que buscavam nele respostas prontas e modelos acabados de filosofia. Seu hábito de responder uma pergunta fazendo outra pergunta irritava os que, como Hípias, não podiam conceber a idéia de que o verdadeiro conhecimento é sempre uma experiência pessoal intransferível e que só pode ser compartilhado em alguns aspectos e não na sua integralidade:

“Por Zeus, Sócrates, não saberás responder-me enquanto tu mesmo não declarares o que pensas da justiça; porque não é bastante que te rias dos outros, interrogando e confundindo a todos, enquanto te recusas a dar

explicações a quem quer que seja ou a declarar tua opinião sobre qualquer assunto.”

Os discípulos de Sócrates, grávidos de idéias e conceitos ainda mal formulados, passavam por um doloroso trabalho de parto e conseqüentemente tinham que aperfeiçoar suas concepções até que elas atingissem uma estrutura segura de sobrevivência. Era uma dupla arte de fazer parir e criar:

“É muito justa a queixa constantemente lançada contra mim de que faço perguntas aos outros e sou incapaz de respondê-las. A razão está em que o deus me obriga a ser parteiro, mas proíbe-me de dar à luz.”

Sua coragem de lidar serenamente com os dilemas existenciais foi resultado, não de teorias, mas de experiências reais e cotidianas. Perdeu o medo de viver porque fez uma opção de buscar e ter somente o que era essencial. Certa vez, ao visitar o mercado de Atenas, Sócrates constatou com simplicidade e lucidez: *“Como são numerosas as coisas de que eu não preciso”*. Perdeu o medo da morte lutando como hoplita na Guerra do Peloponeso. Ao contrário do covarde e fanfarrão Demóstenes, que ao estrear numa batalha e ouvir os primeiros gritos de combate, largou seus equipamentos e fugiu horrorizado. Sócrates destacou-se bravamente nas batalhas de Potidéia e Délio, contra os ferozes espartanos, passando frio, fome e toda sorte de necessidades. Era um homem grego comum nos hábitos culturais, nos defeitos e nas aparências, mas de um caráter e de uma autenticidade rara e notável, muitas vezes desconcertante: *“Foi ele, realmente, o mais sábio, o mais justo e o melhor de todos os homens que conheci”*, escreveu Platão.

Mas sua franqueza e total despreocupação com os interesses menos dignos o colocava sempre em perigo. A lista de inimigos foi tão grande e gratuita como a dos seus inimigos, pois Sócrates era a própria expressão e o espelho da torturante contradição humana, com a diferença que se assumiu como tal e desenvolveu uma incômoda, para os outros, auto-aceitação. Era ao mesmo tempo a ordem e o caos, a harmonia e o desequilíbrio, a razão e o contra-senso, o ser e o não ser. Xenofonte afirmava que o contato pessoal com o filósofo era um prazer inigualável e que tal conversa, em qualquer circunstância ou sobre qualquer assunto, só trazia benefícios ao interlocutor. Quem conversava com Sócrates sofria o impacto de quem nunca se viu num espelho. Naquele instante tinha início o despertar da consciência, um caminho sem retorno que poderia ser experimentado pelo prazer ou pela revolta. Ao relatar sua experiência com Sócrates, o belo e volúvel Alcebíades deixa transparecer que sofrera um dano irreversível:

“Quando ouvimos qualquer outro homem falar, ainda que seja tido como hábil dialético, suas palavras, em comparação com as tuas, não produzem o mínimo efeito em nosso espírito; entretanto, até os fragmentos de tuas palavras, Sócrates, ainda que de segunda mão e imperfeitamente transmitidos, assombram e arrebatam as almas de todos os homens, mulheres e crianças que as ouvem...E estou certo de que se não tivesse tapado os ouvidos e fugido à sua voz de sereia, Ter-me-ia conservado preso a seus pés até a velhice... Senti em minha alma, ou em meu coração...a maior das ânsias, mais violenta na ingênua mocidade do que a picada das serpentes – a ânsia da filosofia... E

vós, Fedro, Agáton, Erixímaco, Pausânias, Aristodemo, Aristófanos, vós todos, sim, e não é necessário dizer que Sócrates também, todos vós haveis experimentado a mesma loucura e a mesma paixão pela filosofia.”

Para alguns, Sócrates era a cura e para outros a doença, pois sua sabedoria era como concupiscência sugerida pela Serpente, um perigo que ameaçava sempre as bases frágeis da cultura mitológica e da tradição policiada pelo establishment. Sua ousadia em “corromper” as mentes juvenis e “subverter” os costumes políticos só poderia ser punida, mesmo que simbolicamente, com algo à altura do seu veneno filosófico: a cicuta. Sócrates era um eterno problema para os atenienses, inconveniente até mesmo para ser eliminado. Seu exílio pelo ostracismo poderia despertar no povo o desejo de buscar novos ares e esvaziar a indústria e o comércio local. Sua prisão poderia ser uma prova de que o Estado era um erro e a democracia um equívoco. Deram-lhe, inclusive, a opção de fuga, mas Sócrates se recusou, pois não gostaria de fugir de si mesmo. Então, o condenaram à morte. Mas como matar alguém que não teme a morte e zomba dos incrédulos até os últimos instantes da existência? José Américo da Motta Pessanha[25] nos conta como foi esse histórico confronto final entre a Tradição e a Verdade e como foram os inesquecíveis os últimos momentos de Sócrates entre os mortais:

‘Não foi por falta de discursos que fui condenado, mas por falta de audácia e porque não quis que ouvísseis o que para vós teria sido mais agradável, Sócrates lamentando-se, gemendo, fazendo e dizendo uma porção de coisas que considero indignas de mim, coisas que estais habituados a escutar de outros acusados’.

Sustenta-o uma certeza: mais difícil do que evitar a morte é ‘evitar o mal, porque ele corre mais depressa que a morte’. Quanto a esta, apenas pode ser uma destas duas coisas:

‘Ou aquele que morre é reduzido ao nada e não tem mais qualquer consciência, ou então, conforme ao que se diz, a morte é uma mudança, uma transmigração da alma do lugar onde nos encontramos para outro lugar. Se a morte é a extinção de todo o sentimento e assemelha-se a um desses sons nos quais nada se vê, mesmo em sonho, então morrer é um ganho maravilhoso. (...) Por outro lado, se a morte é como uma passagem daqui para outro lugar, e se verdade como se diz, que todos os mortos aí se reúnem, pode-se, senhores juízes, imaginar maior bem?’

Apoiado nessas hipóteses – as únicas existentes a respeito de um fato que não permite certezas racionais - o setuagenário Sócrates despede-se, tranquilo, de seus concidadãos: ‘Mas eis a hora de partirmos, eu para a morte, vós para a vida. Quem de nós segue o melhor rumo, ninguém o sabe, exceto o deus’.

A execução da pena teve de ser adiada por trinta dias. Como acontece todos os anos, um navio oficial havia sido enviado ao santuário de Delos para comemorar a vitória de Teseu, o herói mitológico ateniense, sobre o Minotauro, o terrível monstro que habitava o labirinto de Creta e se alimentava de carne

humana. Enquanto o navio não regressasse de sua missão sagrada, nenhum condenado podia ser executado.

(...) Mas o barco está prestes a retornar de Delos. Na véspera de sua chegada, um dos amigos avisa Sócrates: 'Amanhã terás de morrer'. O mestre não se perturba: 'Em boa hora, se assim desejarem os deuses, assim seja'. Suplicam-lhe que aceite a fuga que os amigos haviam preparado. Sócrates recusa e explica: a única coisa que importa é viver honestamente, sem cometer injustiças, nem mesmo em retribuição a uma injustiça recebida. Ninguém, nem os amigos consegue convencê-lo a abdicar de sua consciência. Entra a mulher de Sócrates, Xantipa, trazendo os filhos para a despedida. Sócrates permanece sereno. Finalmente chega o carcereiro com a cicuta. Imperturbável, Sócrates toma o vaso que lhe é oferecido de um só gole bebendo todo o veneno. Os amigos soluçam. Mas ele ainda os anima:

'Não, amigos, tudo deve terminar com palavras de bom argúrio: permaneci, pois, serenos e fortes'.

Ao sentir os primeiros efeitos da cicuta, Sócrates se deita. Aquele que sempre indagara sobre o significado das palavras e dos valores que regiam a conduta humana e investigara o sentido dos costumes e das leis que governavam a cidade buscava a consciência nas ações e nas afirmativas, mas não pretendia se subtrair às normas estabelecidas e às exigências dos preceitos e das instituições sociais e políticos. Porque não traía sua consciência, preferira a morte a declarar-se culpado. Mas porque respeitava a lei não quisera fugir da prisão. Suas últimas palavras ainda um testemunho dessa dupla fidelidade: a si mesmo e aos compromissos assumidos. Dirige-se a um dos amigos presentes, lembrando-lhe que deviam um sacrifício ao deus Asclépio. E morre."

Referências:

[25] "Sócrates"- Os Pensadores. Editora Nova Cultural.

Artigo Reproduzido com Autorização do Autor